

Resumo: Partindo do cap. 23 de Ezequiel, a autora começa alertando para “o alcance e os limites da linguagem”. Discute a distinção entre “Teologia da mulher”, “Teologia feminina”, e “Teologia feminista”, optando pessoalmente por ser, ela mesma, uma teóloga feminista. Discute também as relações sociais de poder e alerta, com insistência, contra o grande perigo do fundamentalismo. Segue interessante debate sobre o tema e, ainda, em apêndice, uma reflexão da autora sobre “Corpo, Sexualidade, Afetividade”. Ela parte da “relação do corpo pessoal com o corpo social”, discute a relação entre Teologia e materialidade e, por fim, apresenta “a proposta de Jesus”.

Abstract: Beginning with chapter 23 of Ezekiel, the author suggests caution as regards both “the range and the limits of language”. Furthermore, the article deals with the distinction between “Theology of women” and “feminine theology”; an additional subdivision of “feminist theology” is attached, in connection with her own preference as a feminist theologian. It also discusses social relationships of power and cautions vehemently against a great danger of fundamentalism. Another inquiry is to be found with regard to relevant topics revealing a deeper insight into “body, sexuality, affectivity”. The starting point is the relationship between the “personal body” and the “social body” with a pertinent connection with theology and material implication, concluding with the “project of Jesus”.

Teologia da mulher

Nancy Cardoso Pereira*

* A autora é Pastora metodista, Graduada em Teologia e História, Mestre e Doutora em Ciências da Religião, com pós-doutorado em História.



Introdução

Livro do profeta Ezequiel, capítulo 23. Vamos pegar uma questão bastante concreta. Vou começar a partir da exegese, da hermenêutica bíblica, e depois chegar até o método teológico mesmo. Temos aí a história de duas mulheres, Oolá e Oolibá. Não é só a história de duas mulheres, são duas mulheres em relação com muitos homens, com alguns homens. É uma parábola, uma metáfora. Oolá e Oolibá, o povo do Norte e o povo do sul, Samaria e Jerusalém, Israel e Judá. Essa é uma linguagem muito usada no texto bíblico. Quando se quer falar do povo, quando se quer construir uma metáfora, as mulheres sempre vão representar a parte do povo, enquanto Deus vai assumir o papel masculino. É sempre a relação de Deus com o povo. Deus, um homem; o povo, uma mulher. Essa é uma imagem muito recorrente.

O uso dessa linguagem tem implicações, e o método teológico, o jeito de construir argumentos, quem é Deus, tem que lidar com os limites e possibilidades dessa linguagem. Quando um teólogo, uma teóloga, escolhe um determinado horizonte de imagens, de símbolos, para ter mediação na comunicação, escolhe um conjunto de símbolos, de representações e isso tem implicações, tem limites e tem possibilidades, tem alcances e tem contradições. E o método é justamente a capacidade de fazer a inteligência dessas escolhas. Que conjunto de metáforas, de imagens eu escolhi? como eu opero com elas? E como eu administro os limites, as contradições, do conjunto de símbolos, palavras, de representações que eu trago para minha reflexão teológica? Deus é masculino; o povo, feminino: que implicações tem essa linguagem? Basicamente nós estamos lidando com o fenômeno da linguagem e a teologia tem essa concretização na ponta da língua. A teologia, no fim das contas, são as palavras que eu escolho para dizer e para me comunicar.

Teologia da história

Vamos fazer um exercício com o mencionado capítulo 23 de Ezequiel:

Veio mais a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, houve duas mulheres, filhas de uma mesma mãe. Elas se prostituíram no Egito; prostituíram-se na sua mocidade; ali foram apertados os seus seios, e ali foram apalpadados os seios da sua virgindade. E os seus nomes eram: Oolá, a mais velha, e Oolibá, sua irmã; e foram minhas, e tiveram filhos



e filhas; e, quanto aos seus nomes, Samaria é Oolá, e Jerusalém é Olibá. E prostituiu-se Oolá, sendo minha; e enamorou-se dos seus amantes, dos assírios, seus vizinhos, vestidos de azul, capitães e magistrados, todos jovens cobiçáveis, cavaleiros montados a cavalo. Assim cometeu ela as suas devassidões com eles, que eram todos a flor dos filhos da Assíria, e com todos os de quem se enamorava; com todos os seus ídolos se contaminou. E as suas prostituições, que trouxe do Egito, não as deixou; porque com ela se deitaram na sua mocidade, e eles apalpam os seios da sua virgindade, e derramaram sobre ela a sua impudícia. Portanto a entreguei na mão dos seus amantes, na mão dos filhos da Assíria, de quem se enamorara. Estes descobriram a sua vergonha, levaram seus filhos e suas filhas, mas a ela mataram à espada; e tornou-se falada entre as mulheres, e sobre ela executaram seus julgamentos.

O que é isso? Que escolha é essa? É teologia da história. O profeta Ezequiel está falando da história, ele está propondo um imaginário para ajudar o povo a pensar a história. E ele faz uma escolha. Ele escolhe o corpo e a história de uma mulher, duas mulheres, várias mulheres, e então “desanca”. Ele pega essas meninas e acompanha essas meninas desde jovens até elas serem mortas; justamente uma morte violenta, legitimada, justificada. Pode-se fazer teologia assim? Pode. Pode-se tomar o imaginário e usar como representação? Pode. Mas tem implicações: políticas, culturais, simbólicas, psicológicas, afetivas. E ao longo dos séculos temos, dentro da história do judaísmo, do cristianismo, utilizado essas metáforas e outras, requentadas, recriadas. E muitas vezes, na discussão do método teológico, não temos levado isso em consideração. O que isso significa?

Esse é o tipo de texto que nunca vai aparecer na pregação, numa missa. Sempre vamos pular esse texto, porque vai ser complicado ler “esses seios apalpadados para lá, para cá”. É melhor não. Mas, está aqui. Esse é um linguajar do mundo real das pessoas, os corpos em relação. E os corpos em relação se oferecem como metáfora, representação para se falar de Deus, assim como falar de Deus como pai. Mas... Deus não é “pai”: este é um modo de nomear. Mas é uma linguagem, cultivada dentro da tradição, para expressar como entendemos, como nos relacionamos com Deus. E a questão do método é justamente essa: a clareza, a transparência, a inteligência das escolhas que fazemos. Quais as suas escolhas, com o que você trabalha? o que você junta com o que? e de que maneira o imaginário sobre a mulher e suas representações participam, por presença ou por omissão, na teologia que você faz? Quando você



usa o imaginário feminino? e quando você não usa? O que é que você usa da vida das mulheres, do corpo, o que é que você não usa?

Por exemplo, Deus como pai e Deus como mãe. As duas imagens são bonitas. As duas poderiam servir. Mas acabamos usando mais a primeira: a tradição cultivou mais o imaginário do pai do que o imaginário da mãe. E os exemplos são muitos. Cristo, “cordeiro de Deus”, a imagem do cordeiro. Jesus não é um cordeiro. Existe uma materialidade na imagem do cordeiro, que tem implicações no mundo do trabalho, no mundo econômico, no mundo da liturgia, do sacrifício. O cordeiro desse mundo, do trabalho, da economia, do ritual, do sacrifício, entra para dentro da linguagem teológica e vai ser cultivado. E ele se atualiza, e nós usamos essa linguagem. É uma escolha que é cultivada, que é mantida. Mas, por exemplo, Jesus disse dele mesmo: “Jerusalém, Jerusalém, queria ser como a galinha que acolhe os pintinhos debaixo das asas...” O próprio Jesus aparece atribuindo-se a representação de “galinha”. Agora, pensem na liturgia: “Jesus, galinha de Deus, acolhe...”. Não dá, está interdito. Não posso usar? Está no Evangelho! É uma possibilidade. E aí não acolhemos as implicações, os alcances dessa imagem. Do cordeiro e da galinha: o que pode? O cordeiro é do mundo masculino do trabalho, do pastoreio, do ritual, do sacrifício. É legítimo usar? Sim, é legítimo usar. A galinha também pode ser usada, está no Evangelho como possibilidade. É o espaço da economia da casa, é do trabalho também, mas o trabalho no quintal, do mundo das mulheres, não tem sacrifício. É a imagem da galinha que protege.

Está bonito para fazer cristologia? Muito! Posso fazer cristologia com a imagem da galinha? Pensar cristologia, pensar salvação sem o sangue, pensar como acolhimento, trazer para perto, trazer junto. As primeiras comunidades lidavam com o imaginário de Jesus galinha, como uma imagem boa, como uma imagem de acolhimento, de amor, de salvação. Tem hora que nós também queremos ir para debaixo da asa da galinha. É um sentimento de salvação, de ser acolhido. Mas está interdito. O nosso ouvido não aguenta pensar isso na liturgia: “Jesus, galinha de Deus, acolhe-nos sobre tuas asas”. Mas não está interdito no conjunto das possibilidades da nossa tradição, está interdito dentro de você, está interdito dentro do caminho teológico que estamos fazendo na formação. Aí está interdito. Este é o problema que a teologia feminista coloca: quem escolhe? por que escolhe? o que sim e o que não?



Alcance e limites da linguagem

O que eu queria pensar com vocês hoje é isto: quanto que o mundo das mulheres, do corpo das mulheres, o imaginário das mulheres, participa da minha teologia, da sua teologia, por presença ou por omissão? Como é que você escolhe, o que é que você escolhe. Ou você só repete o que todo mundo diz? Você não faz seu próprio processo de discernimento de como o feminino participa na teologia que você faz? Porque, se for pela tradição, há muitos elementos na tradição, tem caminhos, tem possibilidades que você pode escolher. É o que as mulheres teólogas reivindicam, o que a teologia feminista reivindica é isso.

Está bem, vamos por dentro da tradição. Vamos fazer uma teologia dos “peitos apalpados”. Profecia a partir dos peitos apalpados das mulheres, com linguagem teológica digna. Ou, então, diga-se: tudo o que estiver ligado com galinha, peitos apalpados, esses elementos não vão fazer parte do meu repertório, eu não vou usar isso. Está bom! Pode decidir assim. É seu direito, sua autonomia. Mas atenção! Isso é a questão do método: quando você explicita os materiais com os quais você constrói sua teologia. O que você tira, o que você não usa e como você usa, o que é que você junta com o quê.

No caso de Ezequiel, ele claramente está usando algo que Isaías também usa. Jeremias também usa esse imaginário do povo mulher safada e Deus homem amoroso. As mulheres perdidas, e Deus sempre pronto a perdoar. Essa é uma escolha que tem que ser pensada: por que o povo sempre é mulher? e sempre mulher safada, que não consegue ser fiel ao amor da sua vida? Quais são os limites, os alcances, as contradições e as possibilidades de tal imaginário?

Aí, se você é um exegeta, se você é biblista, esse texto dá uma “coça” em nós. Porque, quando vemos duas mulheres, filhas de uma só mãe, que se prostituíram no Egito, prostituíram-se na sua mocidade, temos que perguntar: o que é isso, “mocidade”, “infância”? Tem um conjunto de concretizações, de experiências de vida, relação mãe e filha, infância e juventude. Como é que é a infância e a juventude das meninas, das mães e das filhas. Porque ele vai fazer teologia da história a partir daí. E aí vem o seguinte: “Prostituíram-se na sua mocidade, ali foram apertados os seus peitos, apalpados os seios de sua virgindade”. O modo verbal da língua hebraica é *pual*. Elas sofrem a ação, elas não apertam os seus próprios seios. Elas são jovens e ali elas tiveram seus



peitos apertados. Pega-se a palavra apalpar, traduz-se ela no *pual*, que é o passivo do intensivo do *piel*. Para isso serve a exegese, para “apalpar os seios das mulheres”.

Porque, se vou fazer uma exegese e sou uma mulher, eu vou e faço uma teologia que pensa o mundo das mulheres como uma coisa séria, como uma coisa importante, esse é um texto que eu não posso passar. O termo aqui é o mesmo que se usa para falar de como se faz um vinho. O que você tem que fazer com a uva para transformar em vinho? Amassar, esmagar. Não é carícia. Porque há algumas traduções que sugerem isso, a carícia. Mas não é carícia. “Ali tiveram seus peitos *apertados*”. O texto está falando que essas meninas receberam uma ação violenta. O texto começa a ficar diferente quando você trabalha com o hebraico, respeitando o que está na frente e não tomando como um senso comum “Ah, é uma mulher safada que gosta que os homens passem a mão nela”. Não! faça-se exegese direito aqui também. Caminhe-se com a exegese também com esse conjunto de experiências de mulher. Alguns textos são exegeticamente corretos, e outros, é vergonhoso o que se faz. Porque isso também tem a ver com as escolhas do teólogo, no que ele presta atenção, no que ele não presta atenção. Nesse caso, a carícia está na leitura do teólogo, é ele que apalpa os seios da moça... não o texto!

Ezequiel está falando do Egito, da infância, do povo mulher que foi violentado, agredido, que foi escrava sexual. O conjunto da percepção da teologia da história se modifica. É legítimo utilizar esse imaginário, mas precisamos tirar as consequências dos limites e do alcance dessa linguagem. Depois, o texto continua dizendo que ela vai se acender, se inflamar de paixão pelos amantes, pelos assírios, que tem um corpo maravilhoso, parque de diversão do prazer para essas mulheres. Sempre fica essa questão de um Deus que não é sexualmente muito criativo, muito capaz; e os amantes, os outros povos, que são encantadores, montados a cavalo, com roupa nova, tem um membro sexual que é uma loucura comparado ao dos cavalos e assim por diante. E Deus é o outro amante que não tem nada disso para oferecer.

Também para o imaginário masculino essa é uma metáfora complicada. Os amantes são os outros povos, os outros deuses, que são sexualmente ativos, poderosos, enquanto Deus é um amante que não tem muito para oferecer. É complicado para as mulheres e complicado para os homens também, porque trabalha com um imaginário sobre a virilidade, sobre o corpo masculino, que cria esse binário dos homens que



“estão podendo” e os homens que “não estão podendo”. Trabalha uma idealização do corpo masculino também que é complicada. Esse texto elege um imaginário e a partir daí vai construir a sua teologia da história: quem é Deus, como Deus age na história, quem é o povo, como se dá o processo de salvação, com esse linguajar extremamente difícil.

Peguei esse texto apenas para mostrar que, quando falamos de uma teologia da mulher, é sobre essas escolhas que estamos falando: como o feminino aparece, por presença ou por ausência, no discurso teológico? O que eu uso e o que eu não uso, como eu uso? Por exemplo, já fizemos um estudo na CPT, Pastoral da Terra, sobre cartazes de romaria da terra, de encontros, e quase sempre há corpo de mulher nos cartazes. E é quase sempre assim: do ventre da mulher vai saindo a revolução. Nunca tem corpo de homem; e de onde, do homem, sairia a revolução? Ou o corpo do homem não se oferece para essa representação? Que tipo de uso é esse? E às vezes apresenta uma mulher quase nua, com seios, com a barriga. Mas é um corpo que vai ser idealizado na forma do ofertório, da representação de uma mulher que tem muito para dar. Mas nunca um corpo masculino, que também tem muito para dar!

Essas são coisas que precisamos pensar, esse uso dos corpos na teologia, na pastoral, na liturgia. E é isso que uma teologia da mulher – eu prefiro “teologia feminista” – quer dar clareza, sobre as escolhas que você faz, por onde você anda, com que imaginário você trabalha, com que palavras. Nesse processo, ter a consciência de como aparecem os corpos pessoais, o corpo social e o corpo do mundo é importante, mas essa questão das relações sociais de gênero também é essencial. Há muitos, aliás, a maioria, que não está nem aí para isso. E aí, quando precisam falar algo sobre mulher precisam chamar uma mulher, porque não sabem fazer. Como se não fosse tarefa nossa, comum.

Teologia da mulher, teologia feminina, teologia feminista

Vou fazer agora um esquema para explicitar algumas questões. Há teologia da mulher, teologia feminina e teologia feminista, com maior intensidade e menor intensidade. Uma teologia da mulher pode implicar teologia que as mulheres fazem ou uma teologia que lida com as mulheres. Nesse caso, pergunta-se: a mulher é a voz que fala ou é sobre o que se fala? Teologia feminina vai ser mais a questão da sensi-



bilidade. Aí haverá todo um conjunto, todo o imaginário: “as mulheres são sensíveis, as mulheres são queridas, as mulheres são amorosas, as mulheres choram, choram muito...”. Sempre me lembro da Tânia Mara com o Leonardo Boff. Numa dessas conversas sobre o rosto materno de Deus, num debate, Boff disse algo como: “Jesus tinha atitudes masculinas e femininas. Atitude feminina: pegava as crianças e colocava no colo, acolhia as crianças. Atitude masculina: pegava o chicote e expulsava os vendedores do templo”. Tânia Mara levantou a mão e disse: “Então quer dizer que eu não posso pegar o chicote e o senhor não pode pegar a criança no colo?”

Isso é o que chamamos de binário congelado. Às mulheres, ao feminino: o acolhimento das crianças; ao masculino: pegar o chicote e expulsar os vendedores do templo. Digo para vocês que as mulheres já pegaram no chicote faz tempo, sem abandonar as crianças jamais. Dá para fazer as duas coisas. É desafio e tanto para os homens, descobrir o acolhimento, e deixar as mulheres pegarem no chicote, entendê-las como parceiras nessa profecia, nessa teologia, e sermos capazes de compartilhar. Isso não está congelado no feminino ou no masculino. Então, uma teologia feminina padece do congelamento dos binários, como se o feminino e o masculino fossem pré-existentes e não moldados culturalmente e na história. Então, por esses motivos e outros, eu faço teologia feminista dentro da teologia da libertação.

Se me perguntarem: “Que tipo de teóloga você é?” Vou dizer: sou teóloga da libertação (aprendiz, sempre), feminista, latino-americana. É o que eu queria ser, o que eu quero ser, com quem eu quero ser. Por isso, eu caminho com a Pastoral da Terra, 17 anos na lida, debaixo da lona, no CEBI, na leitura popular da Bíblia. E sem leitura popular da Bíblia, se não ampliarmos os espaços da leitura popular, os fundamentalistas vão nos “engolir”. Já “almoçaram” os evangélicos, e vão “jantar” os católicos. É essencial conseguirmos fortalecer uma hermenêutica que está na comunidade, na base. A leitura popular da Bíblia tem uma contribuição fundamental no enfrentamento do fundamentalismo, em todas as suas vertentes, no nosso país.

Vamos ter que colocar a Bíblia mesmo na mão do povo, e tornar o povo pobre a chave da leitura, lá na comunidade, as “donas da comunidade”, que estão na base da comunidade. Ou é só na minha igreja que as mulheres são maioria? Está preocupado com o fundamentalismo religioso, com a bancada evangélica? Vamos enfrentar essa questão?



Quem está próximo do CEBI, que “se agarre” com o CEBI. Se não é o CEBI, procure outro caminho. O CEBI tem sido historicamente relevante e, por isso, no CEBI temos uma leitura de gênero feminista das mais consistentes no nosso país, porque faz o protagonismo da leitura da Bíblia a partir da base, das comunidades, e lá estão as mulheres que carregam as comunidades, que constroem as comunidades. É o fortalecimento da voz das bases, das comunidades, que vai ser capaz de enfrentar o fundamentalismo. Por isso, eu faço uma teologia da libertação feminista, porque não quero ficar nem da mulher só como meu assunto, nem como um sentimento do feminino.

Construção da Vida

Na teologia feminista, há a questão de entendermos a construção da realidade, a construção do texto, a construção da vida. E para a teologia da libertação e a teologia feminista, é fundamental considerar as relações sociais de poder. E a teologia feminista vai dizer: as relações sociais de poder e gênero. E as feministas dirão mais: ainda não está bom; as relações sociais de poder, gênero, etnia e classe. Por que? A teologia feminista não fala só de mulher. Por isso, os homens podem fazer teologia feminista. Um homem pode ser feminista e uma mulher machista. Nossas mães, nossas irmãs, nossas tias, muita mulher é machista. A teologia feminista, usando algumas palavras de referência, é basicamente relacional. Não fala só de mulher. A realidade, os textos, são estruturados por relações sociais de poder. A casa, a escola, a igreja, são relações sociais de poder. Essas relações sociais de poder não têm nenhum fator que é determinante. Por isso, são relações, relações de relações. Aí, na análise do texto, na análise teológica, temos que considerar os vetores que participam nessas relações. No nosso caso são relações de poder e classe social. Há quem já cansou de falar de classe social, luta de classes. Então está bem! Diga de outra maneira. Mas o que nós vivemos é uma realidade extremamente desigual, com acesso extremamente desigual, uma distribuição de renda e oportunidades extremamente desigual. Chame isso como quiser, eu chamo isso de luta de classes. Chamo isso de uma elite no poder, que se apropria, discrimina, silencia. Isso explica a sociedade onde vivemos. Na luta da terra, na cidade... Sem esse vetor eu não consigo explicar a realidade, não consigo explicar os textos.

Quando vou para o texto bíblico, quando vou para os textos teológicos na tradição, essas relações desiguais estão presentes. Então, no



meu método teológico, sempre pergunto pelas relações sociais de poder e classe. Mas, apenas classe social não é suficiente. Um primeiro momento da Teologia da Libertação na América Latina, essa questão da luta de classe, é fundamental, porque ainda não resolvemos essa questão. Nós não estamos liberados dessa questão: de pensar a respeito da pobreza e das desigualdades como indignidade em relação à criação. E aí: corpo pessoal, corpo social e corpo do mundo. Ecologia, relações sociais, relações interpessoais nessa questão também.

Só que apenas classe não dá, eu preciso das relações de etnia; alguns precisam de raça. Não há outro modo. Nós somos um país com uma história muito atravessada. A história do povo da Bíblia está ali: seus olhos, seus amores e seu dissabores, e a teologia que vai sendo nas relações inter-étnicas. Nossa história como Brasil, como América Latina, é a história de um massacre, de colonização, de um cristianismo que evangelizou mal, porque evangelizou tendo como mecanismo a submissão de outras culturas. Essa é a nossa história, 500 anos disso. Faz pouco tempo que estamos resolvendo essa problemática entre nós mesmos, com nossas ferramentas.

Relações sociais de poder

Esta é a atualidade da teologia da libertação. No meu modo de ver, ainda vivemos uma desigualdade racial dos povos indígenas, do povo negro, e das diferenças entre outras populações, como bolivianos, coreanos, que vem como escravos para trabalhar nas grandes cidades. Os haitianos estão aí. O mundo está ficando mais globalizado, mais complicado. Essas questões também têm que entrar na minha teologia. Eu não faço uma teologia só da mulher. Eu faço uma teologia de classe, eu faço uma teologia contra o racismo e também das questões de gênero. A estrutura social, os textos, a tradição, estão montados em cima de imaginários e relações sociais entre homens e mulheres. Não tem no mundo o que não seja cortado por relações sociais de gênero.

O mundo é assim. Pode-se até tirar as mulheres do jogo, mas essa exclusão vai estruturar a realidade. Polícia, exército... Agora há algumas mulheres de farda, mas como anexação, porque o fenômeno polícia e exército é historicamente masculino. É a maneira como o Estado organiza um uso legítimo da força. E é uma expressão do mundo masculino, com anexações femininas. Futebol: tem futebol feminino. O futebol é



fenômeno importante na nossa realidade, cada vez mais, como liturgia, como religião do mundo globalizado.

O mercado se apropriou da religião e hoje a moda é religião, o esporte é religião. O futebol é um fenômeno basicamente masculino, é o mundo do show dos homens, de corpos masculinos lindos e é um exercício de força. E rola um monte de dinheiro, fama. Hoje em dia, na televisão, é um espetáculo global. É um mundo onde a mulheres estão e ao mesmo tempo não estão. Estão como disputa. Por mais que haja muitas mulheres jogando muito bem, na nossa cultura brasileira esse é um espaço reservado. Por ausência, o gênero está ali compondo.

Poderíamos também falar sobre o mundo da Igreja e da Teologia. Como é que se dá a construção, como é que se dão as relações sociais de poder e gênero no mundo da teologia, no mundo das editoras. Então, a realidade, os textos, a liturgia, estão montados em cima de relações de classe, de etnia e de gênero, e assim poderíamos ampliar. Uma teologia feminista não trabalha só com gênero. Uma teologia da mulher talvez sim, mas uma teologia feminista não. Por isso eu faço uma teologia feminista, que tem um discurso da superação da diferença de classe, a superação do racismo e a superação do sexismo nas suas diversas formas e variáveis. Essa é uma característica da teologia feminista: ela é relacional e ela é plurivetorial, não tendo um fator apenas na sua análise. Ela é classe, etnia e gênero. Isso estrutura a realidade, estrutura o texto, estrutura a tradição.

Eu posso usar esse modelo de análise para texto, para realidade etc. Se eu não perguntar por estas relações de poder, o texto não vai me mostrar. Se na minha análise teológica, filosófica, eu não perguntar por relações sociais de classe, eu não verei na realidade. Está na realidade, mas eu não visualizo. Essa é a questão do método. Por ele a realidade é questionada com suas perguntas e a realidade se mostra. Se você não perguntar, está na realidade, mas não vai ser visível. Como se fossem as lentes. Eu preciso colocar uma lente multifocal para conseguir ver a realidade com profundidade, ao mesmo tempo se autodeterminando. Uma coisa é a mulher negra, pobre. Outra coisa somos nós mulheres brancas de classe média estudando, fazendo teologia. Não vou me enganar pensando que a minha teologia não está com os pés na classe média, de mulher que tem acesso, e que para criar meus filhos eu comprei os serviços, terceirizei o serviço doméstico com uma empregada, comprei um serviço de outra mulher, para poder ter tempo para estudar. Caso contrário eu não teria



duas crianças e feito doutorado. Então, nós, mulheres temos que pensar quais são as relações, as condições sociais de classe, etnia e gênero, a partir de onde eu faço a minha reflexão. Portanto, é relacional e multifocal, não havendo apenas um vetor que dá conta do processo.

Uma questão de método

As relações sociais de poder são descritivas, analíticas, interpretativas e políticas. Eu trabalho a partir da realidade, com perspectiva relacional, multifocal. E o que eu faço com isso? Primeiro, as relações sociais de poder e gênero servem para descrever qualquer coisa. É como se fosse uma ferramenta, uma faca para cortar a realidade, para cortar o texto, para descrever. A primeira fase no processo teológico é descrever a realidade sobre a qual se trabalha, descrever o texto bíblico e, quando for descrever, que sociedade aparece ali? Descrever considerando a característica relacional, multifocal. Nesse texto, como se dão as relações de classe, etnia e gênero? A primeira tarefa é essa capacidade descritiva, não sendo uma etapa muito interessante, criativa. Há um texto de Pierre Clastres, chamado “O arco e o cesto”, em que ele faz uma análise de gêneros de comunidades indígenas no Brasil. Esse é um trabalho antropológico de referência, no qual é possível compreender o que é escrever considerando etnia e gênero. Diz ele: as mulheres usam a cesta, os homens usam um arco, os homens na caça, as mulheres na coleta; como é que isso estrutura a realidade dessa cultura, qual a relação da coleta com a caça, como é que se estrutura o poder? É importante, quando se for trabalhar um texto, conseguir chegar ao arco e ao cesto, conseguir criar uma imagem que consiga descrever de maneira clara como se dão as relações sociais de poder.

Mas, apenas descrever não é suficiente. Além de descrever é necessário analisar, colocando em relação, por exemplo, as realidades familiares, culturais. Lembro que, dando um curso na CPT aqui em Santa Catarina, me disseram o seguinte: “Antigamente, para arrumar os casamentos na roça, o povo ia para as quermesses, para as festas de igreja, e as famílias davam leitão, etc. Ia para aquelas festas e nelas se acertavam os casamentos. Hoje não tem mais quermesse, as moças já foram embora, os rapazes têm que ir para a cidade para encontrar namoradas”. Então, fizemos uma descrição dessas relações dos jovens do campo e colocamos isso em relação, na chave da história, na passagem do tempo. Descrever, analisar, colocar em relação (isso vem daquilo,



isso porque na escola aquilo, para os homens a terra, para a mulher o enxoval, o filho mais velho fica com a terra do pai e a filha ganha o enxoval... por que o rapaz não fica na terra? por que a moça não fica na terra?), para então interpretar, a parte hermenêutica, em que se constrói aquilo que se tem para dizer.

Eu leio o texto de Ezequiel, e vejo o uso da mulher prostituta na profecia, analiso, coloco em relação com o uso desse imaginário em outros profetas e depois interpreto. Nesse caso eu tenho um texto meu que diz assim: os três mal amados: “Ezequiel, Jeremias e Oseias”. Três profetas mal amados e, pelo fato de esses profetas serem mal amados, se contamina Deus. E aí, Deus também será um mau amante? Essa é a questão do método: tornar claro o caminho que você faz. Há, nesse caso, uma questão política, que é uma questão de intervenção.

Depois que se descreveu a realidade, se analisou a realidade, se interpretou a realidade, o que se faz com isso? O que isso muda no jeito de você fazer pastoral, essa análise das relações sociais de poder, onde o gênero está dado, como é que trabalha? Por exemplo, muitas das questões do fundamentalismo são importantes de se enfrentar. A lei “Maria da Penha”, a questão da legitimação da violência, foi muito importante a teologia feminista desconstruir textos bíblicos que legitimam a violência. Esse texto de Ezequiel é um deles. Como é que se pode fazer uma teologia que legitima a violência, como linguagem, como metáfora, bater em mulher porque ela merece? Lá no século em que escreveram isso foi legítimo? Hoje, não mais. Por isso, o enfrentamento do fundamentalismo bíblico é fundamental. Não vou jogar fora esse texto, ele continua importante para mim, para entender o caminho da interpretação bíblica, o caminho da consolidação, do repertório bíblico, aquele que é de primeira linha, e aquele que é de segunda linha, terceira linha, e as escolhas que os teólogos fazem.

Sobre o que escrevem os teólogos? Seios apalpados, mulher acendida de desejo. Analisam que teologia da história é essa, onde Deus é o homem, e o povo pecador é a mulher. Esvaziar Deus de desejo, colocar todo o desejo no povo, e todo desejo corporal, sexual, ser demonizado. Que implicações tem esse tipo de narrativa, esse tipo de teologia? Esse texto, mesmo sem ser utilizado, continua presente como substrato na teologia principal que fazemos hoje. Desejo é ruim, uma mulher que tem desejos e assume desejos não tem lugar nessa teologia, queremos mulheres incorpóreas, e os corpos sarados e potentes são dos outros, dos



amantes, porque o amante Javé não precisa disso, ele é um amante mais ou menos, mas está bom.

Esse texto precisa da desqualificação do erotismo, das relações corporais, do desejo sexual, ele se esvazia disso, para construir sua teologia da história. Esse texto, mesmo não sendo trabalhado, ainda sustenta a teologia que fazemos, ele ainda não foi estudado, não foi analisado, não foi interpretado, para que possamos enfrentar suas decorrências. Em linhas gerais, esses são os elementos metodológicos importantes de uma teologia feminista.

Um convite contra o fundamentalismo

O corpo para nós é fundamental. Na RIBLA 25¹, há um texto das biblistas latino-americanas, dizendo como fazemos exegese e hermenêutica. Para nós, o corpo é fundamental, o texto como corpo e o corpo no texto, porque os corpos têm classe social, etnia e gênero. No corpo conseguimos manter esse caráter relacional. O pobre, essa opção preferencial pelos pobres, mantemos na teologia feminista. Mas os pobres com corpo: é uma mulher, negra e jovem. Para nós, corpo é uma categoria importante, para não deixar que isso vire uma abstração. E a questão da autoridade bíblica, que é fundamental para a teologia feminista. Autoridade bíblica e autoridade da tradição e do magistério (se bem que na tradição protestante isso tem um outro viés). Para nós, autoridade bíblica é algo bastante importante.

A Bíblia está mantida como referência, como repertório básico das experiências de fé, mas como Palavra de Deus que conversa com a Palavra de Deus na vida. Padre Comblin, no comentário bíblico latino-americano, no texto de lançamento, lembrava: primeira Palavra de Deus é a vida. A palavra de Deus não está fechada, está viva, está “bombando”. É a Palavra de Deus na vida se encontrando com a Palavra de Deus no texto. Revelação. Quando essa duas coisas se encontram na leitura comunitária, sob a guia do Espírito Santo, a Palavra de Deus na vida encontra a Palavra de Deus no texto. E aí a comunidade vai descrever, analisar e interpretar. Porque a palavra não está presa no texto, a palavra está na

¹ CARDOSO PEREIRA, Nancy. *Pautas para una hermenéutica feminista de la liberación*. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/ribla/ribla25/presentacion.html>>. Acesso em: 12 abr. 2015.



relação do texto com a vida. Por isso que a leitura popular da Bíblia é fundamental para o enfrentamento do **fundamentalismo**.

Há um desafio para quem faz teologia no século XXI, no tempo em que estamos, que é o enfrentamento do fundamentalismo como questão que está presente. Veja-se o templo de Salomão: há necessidade de mais? Não precisa mais. Salomão, o mentiroso, o assassino, o mercenário... Eu tenho tantos desqualificativos para Salomão. E vem uma pessoa e constrói o “templo de Salomão”! Isso só é possível e tolerado porque estamos vivendo um momento em que o capitalismo é nossa religião. Esse cristianismo há tempo deixou de ser. Ou se vendeu para o capitalismo como religião. E o templo de Salomão é um templo ao capitalismo, usando a nossa tradição. Mas não faremos uma guerra religiosa. Faremos o enfrentamento na base, pela esquerda, poder popular. Meu caminho. Trabalho de base, pela esquerda, e politicamente pela esquerda, poder popular. Construir uma alternativa revolucionária popular para o Brasil, para superar nossos problemas de classe, de racismo e de sexismo. Se não nos colocarmos essas tarefas, o fundamentalismo do capitalismo e do cristianismo feito mercadoria vai nos engolir.

Fundamentalismo é a interrupção da interpretação. O que o fundamentalismo pede para nós é que suspendamos a interpretação. No fundamentalismo ninguém precisa interpretar. O pastor diz, o político diz, e suspende a interpretação. No máximo você descreve, mas interpretar e, a partir da interpretação, fazer interpretação política, não. Então, o fundamentalismo pede para nós o congelamento do processo hermenêutico. Que as pessoas não pensem, que as pessoas não tenham autonomia, direito de decidir (com todos os problemas que o direito de decidir tem).

Então, a teologia relacional, o convite da teologia feminista, é um convite para nós, é um convite contra o fundamentalismo. Acredito que um dia nós não vamos precisar fazer teologia feminista. Mas, enquanto as mulheres estiverem barradas, excluídas de processos de igualdade e protagonismo, em diversos aspectos, inclusive na Igreja, a teologia feminista é necessária. Mal falada, barrada, excluída, não publicada, discriminada, infernizada. Se eu pudesse contar para vocês tudo pelo que passa uma teóloga feminista, aqui nesse Estado de Santa Catarina, no Brasil, no mundo da Bíblia, como é que se dá... Tem que ser muito “sem vergonha” para continuar fazendo teologia feminista.



Debate:

Prof. Edinei da Rosa Cândido: Existe um *pressuposto para fazer teologia* que eu considero importante no século 21. Entre outros pressupostos, um deles é exatamente despertar e sensibilizar-se para essa questão da presença da teologia da mulher ou da presença feminina na Bíblia, na Escritura etc. Isso você fez muito bem. Em relação a Ezequiel, você usou o capítulo 23. Eu gosto mais, para exemplificar esse material que você usou, do capítulo 16, que também é bem apimentado, e esse capítulo 16 aparece na liturgia. Não sei se no ano ímpar ou no ano par, mas nós encontramos na liturgia. Então, existem na liturgia alguns capítulos, alguns excertos bíblicos que tratam dessa questão, e não existem outros. Ezequiel, sem dúvida nenhuma, é um exemplo muito bom dessa dinâmica de Deus, marido fiel, esposa, povo infiel. Mas, é uma dinâmica que, se não sabíamos, devemos ter presente a partir de hoje. Ela perpassa todo o tecido bíblico, de Gênesis até o Apocalipse. Então, isto já deve nos alertar, sensibilizar, despertar para uma leitura que não pode ser minimizada, muito menos menosprezada, porque é uma realidade da própria conjuntura, da própria estrutura do texto.

Depois, a *questão linguística*, que você também ilustrou. No século 20, nós temos uma grande descoberta, uma grande abertura para isso que chamamos hoje questão de gênero ou estudo de gênero. E, assim como essa realidade Gênesis-Apocalipse, marido fiel-esposa infiel, povo-Deus, está presente e temos que levar isso como pressuposto, também não se pode fazer teologia hoje, aliás, não se pode fazer ciências humanas hoje, eu diria até, embora não seja muito a minha área, ciências políticas, sem essa questão da leitura de gênero, que é uma descoberta e ela veio para ficar, ela não pretende desaparecer do nosso horizonte. Isso nas ciências humanas. Vai estar muito presente em outras ciências, nas quais eu não me considero um perito. Também essa dinâmica se faz presente. A questão linguística, questão das imagens e metáforas.

Quando entramos para o campo das imagens, sejam elas de gênero ou não (no caso, estamos falando de imagens femininas), nunca devemos descuidar da riqueza e da perícia dos escritores antigos na questão de textualidade de literatura, porque os escritores antigos (e aí estamos falando antiguidades no tempo de Cristo, anterior a Cristo, até o terceiro ou quarto século depois de Cristo), a perícia desse povo para a literatura está bastante além de tudo o que foi feito de bonito ao longo da história a partir daí. Tanto é verdade que a linguística, que também é uma ciência



do século 20 e que nos permite fazer belas leituras, inclusive a de gênero, está sempre voltando à questão dessa textualidade antiga. Agora, essa realidade, feliz ou infelizmente, é uma realidade tributária da base patriarcal. De uma base patriarcal bíblica, mas de uma base patriarcal que vai até mesmo além da Bíblia. É claro que estamos usando o paradigma bíblico, mas que vai além da Bíblia, está presente em outras culturas. Então, a realidade patriarcal é intrabíblica e ela é extrabíblica. Ao mesmo tempo em que temos essa riqueza literária como possibilidade, nós temos a realidade patriarcal cultural. E uma coisa num determinado momento está para a outra, ou seja, quanto mais erudito, quanto mais refinado for o escritor, na hora que ele for usar imagens femininas, se ele tiver essa perspectiva patriarcal, ele vai fazer essa maravilha que é o capítulo 23 de Ezequiel, ou o capítulo 16 de Ezequiel.

Ainda gostaria de lembrar: essa imagem da galinha que aparece no evangelho (você já falou isso, mas vou pontuar mais no cristianismo antigo), ela é muito explorada. Inclusive Santo Agostinho tem a famosa imagem do bispo como a galinha que acolhe sob o seu manto, sobre a sua autoridade, sobre seu poder, se quisermos, seus filhos, o povo, aqueles que são as suas ovelhas, aqueles que lhe estão ligados, submissos. Assim, essa imagem é muito rica. Jesus usa na Bíblia, depois ela aparece no cristianismo antigo, não sabemos por que ela foi se perdendo até chegar a esse quase descaso que nós encontramos hoje, que realmente é uma pena, porque, como você disse, tem o cordeiro e tem a galinha. Em muitos momentos, a imagem da galinha, sem dúvida nenhuma, é muito mais bonita, em determinados contextos, do que a imagem do cordeiro.

Agora, buscando além desse momento histórico, mais em torno da Sagrada Escritura, embora você não tenha feito, digamos assim, uma exposição diacrônica, eu me permito, observando a sua exposição, fazer rapidamente essa diacronia, percebendo a importância de dar-se conta dessa *relação de poder* que existe no mundo antigo. No mundo antigo existia, claro, uma relação de poder. Esta relação de poder partia desde o homem, o exército, o mais forte e ela passava, gradativamente, para o exército, o homem, mais fraco, chegando até na parte baixa da pirâmide, até a mulher e, ainda, até a criança, que nós não falamos aqui porque não é o caso. Quer dizer, a relação de poder, mais do que o ideal literário ou uma opção literária, faz parte da realidade.

Os povos antigos, a belicosidade, o domínio político, era o mais forte esmagando o mais fraco, fosse homem, mulher ou criança. Claro



que daí, numa escala, à medida que vai se achatando, nós temos na parte inferior, digamos assim, a mulher e até a criança. Eu me lembrei do salmo 137, com seu teor patético: “*À beira dos rios de Babilônia nos sentávamos lembrando de Sião*”, e no fim: “*Ó Babilônia devastadora, feliz aquele que pegar os teus bebês e esmagá-los contra o rochedo*”... Isso não aparece na liturgia, mas está lá, no salmo 137. Então, não é uma questão arbitrária, feminina, é uma questão de predominância do mais forte sobre o mais fraco. Isto é algo próprio não só da antiguidade, mas vem até o mundo de hoje.

Na questão ainda da antiguidade, nós temos em relação à mulher, em relação à criança – isso também independente de opções literárias, dessa dinâmica do mais forte e mais fraco –, nós temos estes elementos: o rapto, a escravidão, o estupro. Tudo isso está muito ligado à insegurança do mundo antigo, que não permitia, nem à mulher nem à criança, não permitia ao mais fraco a liberdade, este direito de ir e vir, essa circulação que nós conhecemos relativamente em bem maior grau em nosso tempo.

Esta realidade é muito presente. Tanto é verdade que, nos mitos fundadores das grandes civilizações, temos quase sempre um rapto e um estupro. O rapto das sabinas, por aí afora. Esse das sabinas é o mais conhecido, mas nós temos vários raptos e vários estupros nas histórias dos mitos fundadores, de Roma, da Grécia, de Cartago, Eneias que passou lá com Dido. Vários mitos fundadores fora do horizonte bíblico que, na verdade, refletem essa dominação do mais forte sobre o mais fraco, achatando, chegando então até a mulher e a criança.

Uma pergunta que se fez no cristianismo antigo e que fazemos no cristianismo moderno: *O cristianismo antigo promoveu a mulher?* Falamos no cristianismo antigo, intra e extrabíblicamente. Quase todo mundo fala, de um modo ou de outro. Eu até estive lendo ontem este livro aqui: “A mulher no cristianismo”. Hans Küng, que é um teólogo famoso, quando se reporta ao período antigo do cristianismo, levanta de novo essa questão da promoção que o cristianismo fez à mulher. Então, todo o mundo diz: o cristianismo promoveu a mulher. Relativamente, até certo ponto, sim, e também não. Dentro do texto bíblico, em Paulo, nos evangelhos, fora deles, nas primeiras comunidades cristãs. Eu defendo que o cristianismo antigo promoveu a mulher, sim, principalmente no período martirial e no período ascético. O martirial, temos que parar no início do quarto século. O período ascético, a partir do quarto século,



quando se começou a constituir comunidades exclusivamente femininas. Então, o cristianismo antigo, na minha leitura, promoveu a mulher.

Mas, passando pelo período medieval e pela Reforma, vemos que o valor, a posição da mulher, de destaque no campo político e no campo social – se quisermos sair do cristianismo –, aconteceu dentro de uma perspectiva política. Era a rainha, a mulher nobre, enfim. No campo cristão, se quisermos, a abadessa ou uma superiora de comunidade. Protagonismo feminino e emancipação feminina – agora eu acho que chego ao ponto de maior contribuição para nosso debate –, nós vamos conhecer com o advento de algo que, para muitos de nós, é um dragão, que é exatamente o capitalismo. Isso eu digo, mas há pessoas que trabalharam em cima disso, ou seja, essa relação de poder gerada pelo capital, essa demanda de mão de obra, esta inserção da mulher no meio trabalhista, século 20, capitalismo selvagem, mas ainda antes, em outras feições, isto deu a possibilidade de emancipação feminina, isso trouxe a leitura de gênero.

Então, eu reflito e pergunto também para a doutora Nancy, e pergunto para todos os que estão aqui: sistemas alternativos ao capitalismo que nós conhecemos – comunismo, socialismo, mundo árabe, etc. –, que possibilidades de emancipação eles dão para a mulher? Nós, em diversos momentos – eu também –, fazemos o combate do capitalismo em tudo aquilo que ele tem de perverso. E, de repente, nós constatamos – eu estou constatando, não sei se você vai concordar comigo –, que esse mesmo dragão possibilitou à mulher sair de casa, entrar na indústria, trabalhar, ganhar menos que o homem, igual ao homem, mais que o homem, estabelecer uma relação de paridade e até, às vezes, de superioridade.

Nesse sistema sócio-político que defendemos ou que sonhamos e que idealizamos, como colocamos este embate: poder, luta de classes, e emancipação da vanguarda feminina? Mas, a teologia depende deste vínculo de sistema econômico para fazer a sua promoção? Até que ponto a teologia é livre? Até que ponto esta teologia feminina que veio no século 20, os estudos de gêneros, são tributários deste sistema econômico e agora já podem até dizer: não precisamos mais de ti, como uma mulher que rejeita o marido? Minha questão: dentro de uma relação de poder, que é a característica dos estudos de gênero, que é este embate masculino-feminino, essa valorização, enfim, essa ponderação que se vai fazendo, numa perspectiva aberta, numa perspectiva social, como é que colocamos identificações e isenções dentro de uma perspectiva de gênero, dentro



de um determinado sistema, se quisermos o sistema capitalista, que eu acusei ou defendi como promotor da emancipação feminina, ou dentro de outros sistemas alternativos que estejam ao alcance do nosso ideário ou dentro da nossa proposta política?

Uma segunda questão: a complexidade de refletir sobre a *inspiração bíblica* nesse panorama de gênero. Qual a ligação entre gênero e inspiração bíblica? Porque a característica do cristianismo, tanto o catolicismo, o cristianismo oriental, as igrejas reformadas – é reconhecer, digamos assim, no texto bíblico, um texto normativo, inspirado, uma carta de Deus para o seu povo. Como é que nós trabalhamos? Por que estamos numa linha de fronteira, num fio muito delicado, entre exatamente essas duas questões: inspiração e leitura de gênero. Até que ponto a leitura de gênero pode prescindir da inspiração e tomar o seu caminho? Ou ela vai ficar sempre presa pelo calcanhar da inspiração?

Nancy Cardoso: Quero comentar sobre a *questão da linguística*. Você pontuou algo importante: é verdade, o rapto de Íon, as virgens e as violentadas. Temos essas duas matrizes do feminino na história de diversas civilizações. No campo das ciências da religião, para alimentar a teologia, temos elementos muito importantes. Bom que você lembrou isso.

A questão do cristianismo originário: primeiro, eu gosto de falar de “cristianismos originários”. Temos duas RIBLAS maravilhosas sobre isso (nn. 22 e 29). Não houve um cristianismo originário e depois foi ficando plural. Já começa como plural: cristianismos originários. Sempre houve diversos começos ao mesmo tempo. Por isso, é muito difícil você traçar um ponto de origem e, nessa avaliação se o cristianismo promoveu ou não promoveu as mulheres, eu acho que é sempre bom manter a questão da disputa. Você tem projetos teológicos em disputa. Tem isso na profecia: tem uma profecia mais ligada à corte, mais monárquica, que é a teologia do harém, e você tem uma teologia mais dos profetas. A Bíblia é instigante como debate, como tensão. Então, não tem como você tirar nenhuma linha progressiva, indo do mais atrasado para o mais moderno, mais desenvolvido, acho bom manter esse ponto. Você ler, por exemplo, Esdras e Neemias junto com Rute. Maravilha! É assim que se estuda Bíblia, como confronto. Coloca para fora as mulheres estrangeiras, porque elas nos atrapalham: Esdras e Neemias. Expulsa as mulheres! Ou Rute, que é estrangeira. Então, a chave bíblica da leitura



popular latino-americana é o conflito. Por isso é que o texto bíblico vai pedindo atualização, vai pedindo releitura.

A sua última questão, da *autoridade bíblica*: a palavra de Deus no texto, que se encontra com a palavra de Deus na vida. Por isso que é um texto que precisa sempre ser lido. Os fundamentalistas fecham o texto. A leitura libertadora, é a leitura que cada geração vai se fazer de novo diante das grandes questões e de novo vai ter que atualizar. Na questão das mulheres eu acho que também tem debate. Você tem Jesus dizendo o seguinte: “Os publicanos e as prostitutas vão entrar primeiro”. Ponto! Aguenta essa! As prostitutas. Essa escolha, dessa linguagem, desse imaginário, de que as prostitutas vão estar junto com os ladrões na porta do céu nos esperando. Está bom para vocês? Essa escolha é muito radical e essas inversões há nos evangelhos. Da criança, por exemplo; a criança como parâmetro. A questão do poder: “Os governantes governam vocês com dureza; entre vocês não vai ser assim”.

Coloca a criança. O evangelho trabalha o tempo todo com essa tensão e com essa inversão. Esse chamado à inversão é importante. Isso que você falou da pirâmide da mulher e da criança. Isso é verdade, essa é uma mística, uma espiritualidade bastante radical dos evangelhos, e a gente não tira todas as consequências disso, dessa radicalidade. Fazemos uma média do ser humano, boa pessoa, bom cidadão, esse é o nosso parâmetro, essa é nossa medida. Quando o evangelho diz: “Não! São os loucos, os endemoninhados, as prostitutas, as crianças, os cegos, os surdos, os cochos”. Em termos de espiritualidade, em termos teológicos, isso é fundamental. Essa radicalidade do evangelho. E não tem como reverter isso.

Na questão das mulheres, um debate fantástico. Por exemplo: para onde foi Maria Madalena? Onde essa mulher foi parar? O que fizeram com ela? Porque ela está no durante, no antes, está na cruz, está na ressurreição... e depois ela some, desaparece! Há quem vive bem com isso, outras pessoas não. Outras pessoas conseguem ler as cartas paulinas, as cartas pastorais, percebendo esse processo como de deslocamento e de silenciamento de setores importantes dos cristianismos originários. Tem uma disputa e tem uma disputa desigual. Então, você vai para as cartas a Timóteo e ele vai dizer que a mulher vai se salvar pela maternidade. Jesus morreu na cruz por vocês, rapazes, porque nós, senhoras, o que nos salva é a maternidade, espiritual ou para valer. Quem não é mãe, é maternidade espiritual. Essa é uma escolha da reflexão que tem em Ti-



móteo, que é extremamente complicada. A morte de Jesus na cruz não é suficiente para salvar a mulher, salva os homens... Para as mulheres, a maternidade, o serviço, a honradez, a virtude.

O cristianismo promoveu as mulheres e não promoveu as mulheres; há um grande debate. Dentro do Império Romano houve uma mexida fantástica da proposta do cristianismo, de se reunir na casa das mulheres, na casa de Lídia, de Dorcas... Há um primeiro momento de protagonismo de mulheres que complicou e colocou o cristianismo numa situação de enfrentamento, de desconforto, que teve que ser resolvido no segundo século. E a resolução do segundo século é ruim, é uma resolução ruim. De uma comunidade de iguais passou para uma comunidade hierárquica: bispo, presbítero...

Tem um problema que aparece como tensão e que cada geração tem que se colocar de novo, diante desses textos, e resolver. Ao longo da história do cristianismo sempre houve essa tensão, de uma igreja de iguais e de uma igreja de exclusão. Isso é uma constante na nossa tradição. Que bom que estamos nos colocando sempre de novo diante das fontes e nos perguntando as questões fundamentais. Mas “as prostitutas vão chegar primeiro”, faça o que você quiser fazer, faça o que eu quiser fazer. Sejam virtuosos à vontade, e na hora do “vamos ver”: “*Tive sede e me destes de beber, tive fome e me deste de comer...*”. E as prostitutas vão nos receber. É a vontade do nosso Senhor, não tem como superar uma fala dessa com toda a virtude sexual do mundo. Prefiro pegar como conflito, como tensão e lidar com a tradição como conflito, como tensão. Lidar com a Patrística como conflito, como tensão. Lidar com os caminhos, com as trajetórias da teologia como conflito, como tensão, até chegarmos até nós, hoje. Nós não estamos inventando nada, nós estamos vivendo esse conflito, essa tensão.

A questão do capitalismo: não, aí eu não vou com você. Vou te deixar sozinho nessa. O que emancipa as mulheres não é o capitalismo. Pelo contrário: é a luta do operariado, dos trabalhadores dentro do capitalismo, na sua organização, que viabilizou diversos processos emancipatórios. Que o capitalismo vira e mexe, precisa alterar o lugar da mulher na estrutura da exploração, isso é verdade. Em determinados momentos as mulheres vão para a fábrica, depois não precisam mais das mulheres. Voltem para casa as mulheres, para a maternidade, o serviço doméstico. A mulher se realiza em casa.



Então, existe essa oscilação dentro do capitalismo, porque existe esse enfrentamento desde o campesinato. Por exemplo, o movimento feminista é tributário dos movimentos de trabalhadores, principalmente do movimento têxtil, das primeiras indústrias têxteis nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Rússia. Oito de março – o dia internacional da mulher – é um dia de luta das mulheres operárias, que dizemos que foi em Chicago, mas na verdade surge em São Petersburgo, da luta dos soviets e das mulheres na experiência emancipatória da classe operária na Rússia czarista, com todas as contradições que isso tem.

Então, não dá pra dizer que a luta dos trabalhadores é tributária do capitalismo. Não é. A organização dos trabalhadores é o enfrentamento que se dá no marco da hegemonia do capitalismo, assim como o movimento das mulheres também. Livro bacana de se ler se chama “Marx selvagem”, de Jean Tible, jovem filósofo, em que ele vai aproximar inclusive as lutas étnicas, indígenas, dessa compreensão. Então, não. A emancipação das mulheres não é fruto do capitalismo. O capitalismo faz e desfaz o lugar das mulheres no mundo do trabalho, dentro de casa, na reprodução, e fora de casa também. Mas não, o movimento feminista não se alimenta disso, pelo contrário.

E o que tem depois do capitalismo, não sei. Você não é curioso, não? Não somos? A questão é a seguinte: o capitalismo tem o quê? 350 anos, 400, no máximo: e dá para mudar, “*outro mundo é possível!*” O que se discute nos movimentos de esquerda é isso. O capitalismo é uma forma de organizar o mundo, organizar o corpo pessoal, o corpo social, o corpo do mundo. Mas não é a única forma, existem outras formas, existem grupos sociais fora do capitalismo. Por exemplo, a agricultura camponesa de base, entra ou não entra no mercado, faz ou não faz essa passagem? A agroecologia, entra ou não entra no mercado? Populações indígenas? Grande parte da produção de alimentos hoje do campesinato está fora, em luta com o que é o capitalismo hoje na agricultura: controle de sementes, controle de agrotóxicos etc. O que vem depois eu não sei como se chama. Não é comunismo. Socialismo acho que é pouco, depois do que apresenta o partido socialista brasileiro. Ficou curta essa saia, ficou muito curta, não vou vestir essa não. Eu acho que tem alguma coisa como ecossocialismo. Eu não sei o nome, vamos dar depois. Primeiro vamos parir essa nova sociedade, primeiro nós vamos arrancar. Porque o que tem significado o capitalismo na degradação das condições de vida da maioria das pessoas dos países do planeta... Hoje, com o nível de produção de alimentos, ter um bilhão de pessoas passando fome, des-



culpa, mas “tem banana comendo macaco”... A partir da espiritualidade libertadora do evangelho de Jesus, não se deve baixar a cabeça para o capital, nem aceitar que o capital se sente na cadeira e diga “sou Deus”. Não é, isso é heresia, isso é idolatria. Vamos usar nossa tradição: colocar os fracos, os pequenos, a mulher, a criança... Tem elementos de inversão. Então, nessa parte eu discordo de você.

Edinei: Posso fazer um sim-não? O socialismo permite movimento feminista: sim, não?

Nancy: Não.

Edinei: Nas sociedades capitalistas existem movimentos feministas tutelados: sim ou não?

Nancy: Sim, existe movimento de mulheres burguesas, feminismo burguês.

Edinei: É interessante que, entre outras coisas que tenho visto em termos de gênero e sistema econômico, eu me admirei muito quando li este livro da Ivone Gebara e ela me surpreendeu com a seguinte consideração: “Sabemos que o capitalismo mundial e o latino-americano permitiram o nascimento do movimento feminista. Abertamente ele não apoia nem combate, dependendo dos lugares. O grande interesse do capitalismo continua sendo o lucro. Em linhas gerais, podemos dizer que há uma oposição da cultura vigente, na medida em que o movimento feminista propõe a mudança de hábitos adquiridos [...]”. Eu termino a minha intervenção aqui e agora deixo também que o público participe.

Nancy: Na semana que vem, lá na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, Ivone Gebara vai receber o título de *honoris causa* dos luteranos. Isso é muita coisa, porque essa é uma das mulheres que tem sido excluída dos espaços teológicos na sua própria casa, na sua própria confissão, na sua própria comunidade de fé. Mas, que bom que os irmãos luteranos vão conhecer, reconhecer. E tem um livro novo que se chama: “Querida Ivone: cartas de feminismo e teologia”, que vamos lançar lá durante o congresso. Vai sair pelo CEBI.

Sílvia: Algumas questões muito práticas. As questões de representação de masculino e feminino que nós temos na biologia. O que é que isso já nos diz? Ele aponta para o alto e a mulher para baixo. Começamos por aí. Se formos olhar as questões dos nossos livros de gramática, vem sempre singular-plural, masculino-feminino, e masculino vem na frente. E me dói quando dizem que Jesus veio para salvar os homens,



e as mulheres ficam de lado. Nós estamos lutando por uma linguagem inclusiva. Só para esclarecer um pouco: quem visita a basílica no Monte das Oliveiras, onde Jesus chorou, embaixo do altar, tem uma galinha em cima dos ovos, em cima dos seus pintinhos. Ficou lá. Quem visita a gruta de Belém: nós dizemos que Jerônimo fez o trabalho de tradução da Bíblia do hebraico para o latim, estudando o hebraico. Mas, na gruta de Belém, você tem Jerônimo, Paula, Eustáquia e mais um homem. Temos 4 pessoas, temos uma equipe e, quando falamos do tradutor, é Jerônimo! E a equipe, onde fica?

O que o movimento feminista, o que a leitura de gênero quer mostrar são essas relações de poder que foram se constituindo a partir de textos bíblicos que, infelizmente, são construídos no ambiente patriarcal. Eu só quero lembrar que, no documento de Aparecida, existe uma quantidade de números que vão dizer assim: “É preciso restaurar e dar a dignidade às mulheres em todos os âmbitos, não só na sociedade”. E aí a pergunta vem: porque nós, mulheres, para podermos estudar, temos que pagar pessoas para fazerem o nosso trabalho em casa? Porque inúmeras mulheres têm a jornada dupla, trabalham fora, e ainda chegam em casa têm que cuidar de inúmeras coisas? Aí vão dizer: “Não, porque vocês nos ensinaram que o homem não vai para cozinha, não lava louça”. Não, é um modelo que aí está: a mulher incorpórea, que está dentro do âmbito da casa, que é propriedade do marido. Por que essa mulher tem que ser incorpórea, ela não pode ser a “boazuda” do lado de fora da casa? Fora do lar, fora da casa é a mulher que tem o corpo e a mulher que tem corpo é aquela que é “boazuda”. Porque a mulher que está dentro da casa não pode mostrar seu corpo? Aí vem a questão pejorativa...

São algumas questões que precisamos pensar. No nosso imaginário, como nós somos constituídos? A teologia de gênero vai dizer que não se nasce homem, nem se nasce mulher, se faz, porque são colocados, são embutidos em nós inúmeros padrões que têm que ser seguidos. Ainda uma questão, uma dúvida que eu tenho: eu procurei e não encontrei. No final do século XIX e início do século XX muitas mulheres se reuniram porque não se encontraram na Bíblia e resolveram fazer uma tradução. Estudaram e resolveram fazer uma tradução da Bíblia. Eu procuro esse texto, eu sei que tem na EST, em São Leopoldo, em inglês, porque a tradução foi feita em inglês. Mas porque não traduziram para o português? Onde está a Bíblia da mulher que foi traduzida por aquela equipe de mulheres?



Felipe: Sobre a ideologia de gênero, que tanto se comenta nos meios de comunicação e nas discussões políticas de nossa sociedade, nós conhecemos bem a opinião de teólogos, de pensadores do fundamentalismo e também o que a hierarquia (falo da minha igreja, da católica) pensa. Mas eu gostaria de saber a sua opinião, como representante de uma teologia mais da área de fronteira, da área da Teologia da Libertação, o que essa teologia mais popular pensa, trabalha e reflete a respeito da ideologia de gênero?

Gilson: Qual a reflexão, o olhar da teologia feminista sobre o islamismo, a mulher no islamismo, no Alcorão? Porque nós vemos que o Islã tem um objetivo. Não conheço o Islã em profundidade, mas vê-se que tem um objetivo claro de poder. Talvez seja errado dizer “o Islã”, talvez sejam vários islamismos. Mas parece que no Alcorão a mulher não tem espaço para questões políticas, para a questão religiosa. Como a teologia feminista responde a isso, porque também não pode ser uma teologia que apenas responda sobre a mulher no cristianismo, no judaísmo, mas também que essa teologia alcance o budismo, o hinduísmo. Mas a minha pergunta é localizada: no islamismo?

Marinês: Nós tivemos, dentro do imaginário que nos foi colocado, períodos de abertura. Por exemplo, antes do pós-exílio, as profetisas; depois, um fechamento total. Com a pessoa do Nazareno, uma nova abertura, personalista: cada um e cada uma, olhar no rosto, atenção à situação de cada pessoa... Depois, alguns autores nos dizem que, a partir de 90 da era cristã já se inicia um fechamento. Outros chegam ao terceiro século para então constatar esse fechamento total. Outros, só depois de Constantino. Mas quero me referir ao Concílio Vaticano II, em se tratando da Igreja católica. Em muitas palestras acontecidas aqui, percebemos que ele ainda não aconteceu em plenitude. Então, eu fico preocupada com esse fechamento que ainda continua. Em pleno século XXI, com toda a mídia, comunicação, exegese e hermenêutica libertadora, ainda precisamos quebrar as algemas que nos prendem! Nesse período que deveria ser de plena abertura social, política e religiosa, ainda os pobres, negros e mulheres se tornam motivações para discursos políticos de má qualidade. Agora, pode ser uma pergunta ou então uma constatação: é o fio condutor do sistema e do fundamentalismo que não pôde ser superado, não consegue ser superado apesar dos avanços? E, porque ainda temos que travar lutas por aquilo que nos é dado por direito humano e divino, que é a igualdade?



Nancy: Marinês, vou começar de trás para frente. *A questão do fundamentalismo* sempre “bate pé” na questão da família, modelo de família, na questão da sexualidade. O resto pode desandar tudo, pode como aquele pastor que fala: “Vamos privatizar tudo, vamos privatizar isso, aquilo. Mas família não, família só tem uma, sexo só homem com mulher”. É muito interessante, mas de alguma maneira esse avanço do capitalismo de mercado, que se manifesta com cara de religião, isso não é novo. Walter Benjamin, filósofo, já dizia isso na metade do século passado. O capitalismo tem pretensão de religião, ele quer nossa alma. Precisamos desejar o lucro como as coisas da fé. É muito interessante que hoje você tem um discurso importante do Michel Löwy, que faz também essa discussão, e o Franz Hinkelammert. Há muita gente boa trabalhando nessa questão. Então, desloca o cristianismo, perde, sai da cena principal, porque o capital assume os conteúdos religiosos, enquanto o prêmio de consolação para o cristianismo, que ficou para nós, é isso: família, sexualidade.

Dentro da cultura ocidental sobraram para nós as questões “morais” e nós vamos ficar de “cão de guarda”. O resto pode acontecer. Pode pagar salário indigno, ninguém fica revoltado; o racismo, ninguém fica indignado. É nessas questões da sexualidade que o fundamentalismo coloca todo seu foco. É uma resposta aos movimentos emancipatórios das mulheres, do povo gay, LGBT, que levantam essa discussão a partir da memória social e da memória biológica e apontam para novas possibilidades de organização do corpo, da sexualidade, dos afetos. Para os fundamentalistas, esse tipo de autonomia e essa liberdade não se podem dar, nem para o corpo pessoal, nem para o corpo social, nem para o corpo do mundo. Você precisa trancar isso aí. Infelizmente, parte do cristianismo está se oferecendo para fazer a salvaguarda nesse campo, que é fundamental para a reprodução do patriarcado. Não pode mexer nem no capitalismo nem no patriarcado. O dia em que se mexer nessas duas pontas, a hegemonia de poder que temos hoje no mundo ocidental despenca. E nós temos sido “cães de guarda” disso, infelizmente.

A questão do islamismo. O que está acontecendo hoje no Iraque, Afeganistão, na Síria, no Líbano, na Palestina, isso é “lambança” do imperialismo norte americano. Não tem outro nome, é uma “lambança” do imperialismo desesperado, que arma as pessoas, depois sai e hoje eles lutam contra suas próprias armas. E, infelizmente, com apoio dos evangélicos fundamentalistas. Boa parte da ocupação do Iraque e do Afeganistão, o que está acontecendo lá, os fundamentalistas evangélicos



sempre apoiaram. A mão pesada do militarismo intervencionista norte americano, para vergonha do povo protestante evangélico. Os Estados Unidos entraram no Iraque e mataram Saddam Hussein. E o padre anglicano de Bagdá disse o seguinte: “Nós éramos felizes, os cristãos, no tempo de Saddam Hussein”. O que os Estados Unidos fizeram: entraram, tiraram Saddam Hussein, fizeram acordo com uma minoria cristã contra a estrutura social que tinha lá, artificialmente deram poder para uma minoria cristã e depois saíram. Chamaram à eleição e saíram. E aí, deu no que deu. Armaram uma minoria cristã, com um segmento, uma fração do movimento islâmico para ficar no poder, pós-presença dos Estados Unidos. O que aconteceu? O que está acontecendo agora. Isso não desculpa ninguém. Esse mundo da guerra, dos senhores da guerra, que é a questão do mundo patriarcal. Então, acho que o islamismo, como o cristianismo, tem essa pretensão militar de controlar o mundo. As cruzadas, a ocupação da América Latina com a espada e a cruz.

O feminismo é necessário. Não só feminismo, outros processos também, para superar nas religiões monoteístas o militarismo imperialista. Infelizmente, o islamismo é só um reflexo no espelho da pretensão imperialista do cristianismo. Eu conheço teólogas feministas do islã que desancam como eu desanco. Amam sua tradição. Alguém tem dúvida de que eu amo minha tradição? Mas debatem dentro dela, contra os elementos do imperialismo patriarcal militarista que nós temos dentro da tradição cristã e dentro da tradição do islamismo. Há um perigo forte nessa oposição entre o mundo ocidental e o islã, e o cristianismo como valor do mundo ocidental a ser defendido. Quando esse mundo ocidental do capitalismo, a desigualdade, “for para o ralo”, quando esse cristianismo oportunista “for para o ralo” também – mas o evangelho não vai, não – a Igreja de Jesus dos iguais vai se recriar e se refazer. É minha utopia, meu sonho, minha fé, e não largo.

A questão do ecumenismo é fundamental também contra o fundamentalismo, mais do que defender as nossas “cercas”. Dentro dos movimentos islâmicos você tem a mesma coisa que tem dentro do cristianismo. Tem teólogas feministas dentro do islã. Elas vão lá com o véu delas e desancam. E elas estão buscando também a superação, dentro do islamismo, de tudo o que é o patriarcado, a pretensão do patriarcado imperialista e monoteísta. Então, Gilson, tem algumas coisas acontecendo no campo da teologia, dos teólogos do terceiro mundo. Procure teólogos e teólogas do terceiro mundo, que juntam teólogos do hinduísmo, budismo, islamismo, do cristianismo, que pensam o lugar da religião no mundo.



Lemos muito o Hans Küng, que pensa qual o lugar das religiões, e das religiões monoteístas principalmente, que contribuição temos dado e que contribuição podemos dar para a paz. E é isso que nós vamos ter que “descer do salto”, o cristianismo vai ter que “descer do salto”, perder a importância para ter relevância na construção da paz e da convivência. Então, essa questão cada vez mais vai ser importante para se responder numa perspectiva global.

Felipe, o *gênero na teologia da libertação*. Algumas pessoas dizem o seguinte: há uma teologia substantiva e uma teologia adjetiva. Porque os homens, os machos, fazem teologia substantiva e nós, as mulheres, os negros e os índios, fazemos teologia adjetiva, colocamos “penduricalhos” na teologia “de verdade”. A teologia substantiva tanto faz: é o ser, é o espírito, são os homens, a salvação, são essas generalidades, enquanto a questão indígena, negra, feminista, da juventude, do mundo gay, da ecologia, todas essas são “penduricalhos” que você só coloca se quiser. Se não quiser, não vai fazer falta, não vai fazer muita falta. Coloca alguma coisinha assim para ficar bonitinho. Fala da juventude, mas a teologia substantiva não precisa desses adjetivos todos.

Esse é um grande enfrentamento que temos com companheiros teólogos da Teologia da Libertação e muitas vezes eles têm nos deixado, a nós, das teologias contextuais, extremamente sozinhos. Porque, na hora de escolher, eles correm para o lado da instituição e da hierarquia e ficam protegidos, nas suas cátedras, nas suas casas publicadoras, com seus livros, e adeus para a teologia negra, para a teologia indígena. Quando não complica, eles dão uma força para a “rapaziada”. Tem problema sim dentro da nossa casa, temos problemas, e diversas vezes, companheiros nossos da Teologia da Libertação, na hora que “apertou”, eles nos deixaram na mão.

Há quem diga que eu não faço mais Teologia da Libertação. Você vai ficando velha e os outros se metem a te entender. Nem eu me entendo. A minha teologia, eu disse para vocês, é uma teologia de “desexplicar”. Eu não quero explicar nada. Vocês não vão pegar um texto meu em que eu estou com a pretensão de explicar alguma coisa: eu quero “desexplicar”. E eu acho que essa é a função da teologia, não deixar que o ídolo se acomode. Esse é o papel. Extremamente profética. Não tem que explicar. Eu tenho um povo que foi me entender. Me chamaram e disseram: “Nós estudamos seus textos e você não faz mais Teologia da Libertação, você agora faz uma teologia do corpo”... Eu falei: “Desculpa aí, mas a teologia



é minha, eu escolho a teologia que faço, o que eu vou dizer”. Sou uma teóloga da libertação; não sou de primeira geração, talvez da segunda geração. Sou uma daquelas que não aceita o substantivo e adjetivo. Eu quero substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, pronome; eu quero tudo. Mas não vou aceitar que os companheiros me subordinem nessa discussão sobre substantivo e adjetivo.

Para mim, a questão do gênero é fundamental e é fundamental o corpo, a sexualidade e a afetividade. Fundamental, para pararmos o fundamentalismo. Repito: o fundamentalismo “almoçou os crentes”, agora estamos nas catacumbas, nas nossas igrejas, juntando os pedaços do movimento fundamentalista neo-pentecostal. E dói ver sua tradição lavada nos palcos dos shows dos pastores cantores. E dói ver o mercado dizendo: “Você louva e a Som Livre vende”. Nos “almoçou”. Mas, prestem atenção, vai “jantar” o mundo católico romano, que tem mais vitalidade no Brasil através da Teologia da Libertação e das pastorais sociais, do comprometimento com a religião popular brasileira, indígena, negra. Porque o que os crentes neo-pentecostais estão fazendo hoje é se apropriar do terreiro e da religião popular e colocar debaixo do braço. Mundo mágico, mundo do show, do espetáculo, e o catolicismo tem mais condição, de quantidade e de qualidade, de fazer isso. Eu quero caminhar com vocês, ecumenicamente, na construção dessa teologia popular libertadora, de uma igreja de iguais que vai ser o que vai fazer a grande diferença. Então, Felipe, tem um monte de problemas, mas tem tudo a ver...

Sílvia, os homens estão para cima, sempre para o alto, mas dá para mudar, dá para mudar aquilo ali e *criar versões novas*. E eu, um dia que estou aqui com vocês, vejo como vocês se amam, como vocês se gostam, têm uma relação de respeito, de afetividade. Tem um clima legal aqui, tem um espaço muito importante. Obrigado por ter-me deixado estar com vocês e que vocês defendam esse espaço de produção teológica, de afetividade e de liberdade.

Um dos movimentos de congelamento do fundamentalismo é o sionismo, a identificação do povo da Bíblia com o Estado de Israel, que é um ponto que tem a ver com a pergunta que Gilson fez para mim do islamismo. Israel hoje é uma forma do mundo ocidental judaico-cristão enfrentar o mundo oriental, mas não é esse o caminho que queremos fazer e não queremos que o cristianismo libertador de Jesus sirva para isso, para apoiar um Estado de *apartheid*, de racismo, como é hoje o Estado de



Israel. Tem algo complicado, e os fundamentalistas, como Edir Macedo, trabalham com isso. Tem tarefas para a discussão bíblica, tem tarefas para a questão da liturgia. Há um esforço que fazemos, o *Kairós* Palestina-Brasil, que é de tentar fazer uma ponte dos cristãos e cristãs na Palestina, para ouvir a voz deles. Eles não são oprimidos pelos muçulmanos. Os cristãos e cristãs na Palestina são oprimidos pelo Estado de Israel e pelo fundamentalismo bíblico que hoje sustenta o Estado de Israel. Discussão quentíssima que tem a ver com a questão do islamismo

Gilberto: Sobre as possibilidades de alternativas de sistemas políticos e sociais ao capitalismo. Você colocou algo, falou de “ecossocialismo”. Também a tua colocação a respeito do movimento das mulheres camponesas. Eu vou muito ao Ceasa. Como esse povo do campo é bom, é um povo puro, um povo fantástico. Eu pergunto: o cooperativismo não poderia evoluir para um sistema alternativo ao capitalismo?

Nancy: Sem dúvida. Temos sinais, eu não confundo a nossa busca com a questão do Reino de Deus. O Reino de Deus é realização futura, é escatologia que movimenta a história. Estamos falando da melhor maneira, temos que ser responsáveis da melhor maneira de organizar o corpo pessoal, social e do mundo. O jeito que vivemos hoje não é bom, não funciona. Essa é “uma” forma de organizar o mundo, a economia, a cultura e pode ser modificada. Não é Deus. Daí a importância de fazer o enfrentamento. Não é questão de ser ruim ou mau. O problema é que gera uma desigualdade, um acesso desigual às oportunidades e ao corpo do mundo, que é indecente.

Essa indignação tem que estar em nossa mística. Pessoas passarem fome é indecente. É inaceitável, para quem tem a fé dos profetas e de Jesus libertador, não se pode aceitar isso. Essa espiritualidade, essa paixão, tem que ser mantida. Há os que não são cristãos e tem essa mesma paixão, porque é também uma questão ética. Eu tenho isso por conta do que é o evangelho de Jesus na minha vida. Me inquieta. O que vem depois? Não sei. Na minha juventude, a gente construiu instrumentos políticos, criou processos políticos. Uns deram certo, outros deram errado. Mas, vamos embora e continuemos. Isso é uma tarefa para sempre estar respondendo. O capitalismo é insustentável socialmente, insustentável afetivamente, insustentável no nível do desejo. O confiscado pela propaganda e pelo consumo é insustentável, é uma esquizofrenia coletiva que não dá para sustentar. Capitalismo não é sustentável nem pessoalmente, não é sustentável economicamente, não é sustentável nas relações internacionais.



Estamos falando da tecnologia, procure na internet “*internet map*”, você vai ver o registro de uso de *internet*. Enquanto o mundo do norte (Estados Unidos, Europa) é iluminado por essas trocas tecnológicas, quando você vem para o Brasil e para a África, nós estamos no escuro. Eles projetam uma luz pelo uso do espaço *cyber*, e é tão desigual o acesso à tecnologia que chega a ser indecente! Olha quanto telefone celular tem esse país, olha quanto à internet, é indecentemente desigual. E olha que tem um espaço de democratização muito mais significativo que outros aspectos da tecnologia.

Então, é essa relação da desigualdade que tem que estar sempre diante de nós. O que vai ser depois eu não sei, mas eu estou procurando. Estou procurando na minha reflexão teológica, estou procurando no meu trabalho pastoral, estou procurando na minha espiritualidade, nos grupos com que eu trabalho, na RIBLA, no comentário bíblico, estou procurando isso. Eu não dou sossego na minha tarefa de teóloga, de “desexplicar” o capitalismo como religião e de dizer: “Vamos buscar o que vem adiante”. Durante algum tempo se chamou comunismo. Mas não, era comunismo de Estado. Para mim não é essa resposta, eu acho que os bens são públicos, não são estatais. Então, nesse sentido, o comunismo clássico tem problemas. Nessa questão eu sou livre para pensar essas coisas: a água, educação, saúde sob controle público, mídia sob controle público, nunca sob controle do Estado. Não, eu não sou comunista clássica. Democracia: radicalização da democracia. Não pode ter mais que dois mandatos. A pessoa chega na televisão e fala: “Eu, já oito vezes deputado estadual...”. Como, você está deputado estadual oito vezes? Chega, muda. Financiamento de campanha: não, a Friboi não pode financiar a Dilma, Marina e Aécio Neves, não pode. Financiamento público de campanha. Mas vai usar dinheiro público? É, pois é...

São essas questões que têm que se discutir. Não vai ter democracia participativa dentro do capitalismo. Não dá para ter. O capitalismo precisa de desigualdade, capitalismo precisa de hierarquia. O capitalismo precisa de um em cima e outro embaixo. O mundo que eu quero: às vezes eu vou estar embaixo, às vezes vou estar em cima, às vezes vou estar do lado, às vezes vou estar do outro. Dá para fazer e nós vamos fazer, e a teologia tem papel fundamental nisso.

Temos que ser menos “caretas”, aceitar mais as pessoas, não ficar só com os virtuosos. Nossa tarefa é de andar com esse povo louco, que está nas manifestações, nas ocupações de terra, com as mães de maio que



lutam contra a militarização da polícia, com o movimento de prostitutas. Tem um monte de tarefas, de pessoas que estão neste lugar da margem onde acho que a teologia é fundamental, para a libertação da teologia e para a teologia da libertação.

APÊNDICE:

Por ocasião do III Congresso Teológico da FACASC, em setembro de 2014, a professora Nancy Cardoso proferiu ainda conferência sobre “Corpo, sexualidade, afetividade”. Alguns pontos, anotados por nossos estudantes, são apresentados a seguir:

CORPO, SEXUALIDADE, AFETIVIDADE

Introdução

Para permanecermos vivos nós precisamos de energia, mas para permanecermos vivos nós precisamos gastar energia, e tudo se dá em trocas constantes de energia. Para respirar, nós trocamos o ar sujo com ar limpo; além de respirar, precisamos comer, beber, de abrigo... São essas questões e trocas concretas como o ar, alimento, água, que nós precisamos para fazer funcionar essa coisa incrível que é o nosso corpo. Mas só pensamos no nosso corpo quando ele dói, quando vem uma dor forte ou uma privação. Se não, na maioria do tempo não pensamos em nosso corpo.

Essas trocas são pessoais e sociais. Por isso, quando eu falo “corpo”, estou entendendo o corpo pessoal, o corpo social e o corpo do mundo: essas três dimensões têm que estar articuladas quando falo sobre corpo e corporeidade. O meu corpo só é corpo em relação ao corpo social e em relação ao corpo do mundo. Se não houver uma relação de perguntas e respostas, de entradas e saídas do meu corpo com o corpo social, a vida não é vivida.

A relação do corpo pessoal com o corpo social

Fazemos o tempo todo intervenções no corpo do mundo, respirando, comendo, bebendo etc. A minha boca precisa trazer o mundo para dentro, eu preciso comer o mundo, aproximar o mundo de mim.



Crencemos no grupo social, depois escolhemos o grupo social em que viveremos, e esse grupo tem mecanismos de aproximar o meu corpo do corpo do mundo. É um aprendizado que fazemos na família, na escola, na igreja, com as pessoas com quem convivemos. São mecanismos para continuarmos vivos. Viver é basicamente isso, e é tudo isso. Essa relação do corpo pessoal, com o corpo social, é muito boa. E “*Deus viui que era bom*”.

Mas nessa relação, por exemplo, a água está lá e minha sede está aqui. Por isso, na história da civilização, o ser humano desenvolveu técnicas de aproximar essa água para perto do meu corpo. Essa foi uma resolução (revolução?) que nos deixou mal acostumados a acessar “mecanicamente” o corpo do mundo e matar a sede. Essas resoluções se dão nas formas de trabalho. É no trabalho, na tecnologia e na criatividade que os seres humanos fazem essa aproximação para responder aos desejos, às vontades e às necessidades.

O trabalho, a tecnologia, a arte, são formas que nós recebemos no grupo social e vamos vendo de que maneira podem ser melhoradas e modificadas. Por exemplo, a água, que antes era buscada no poço, agora foi sequestrada na garrafa, e cada vez mais as empresas detêm esse recurso e lucram com isso. Nós acolhemos essas tecnologias? ou dizemos que é indigno? Isso é fundamental para discutir “corpo”.

Precisamos falar de certas materialidades, sim! É que já estamos tão acostumados, que precisamos desacostumar, ou desconstruir algumas dessas resoluções que são respostas do corpo pessoal, do corpo social e do corpo do mundo. Essas trocas do corpo pessoal e do corpo social produzem dejetos, lixos, e precisamos resolver isso também. Mas isso não está resolvido e nos acostumamos! Consumir produz energia; para viver eu preciso de ar, água, comida, roupa, limpeza, moradia; todas essas coisas são necessárias para que os corpos tenham condição de viver como gente. Ter e ser um corpo dá trabalho...

Teologia e materialidade

Os corpos estão envolvidos por essa trama de relações de produzir as relações da vida material. Uma teologia que quer pensar o corpo está aí! E todas essas questões arranham os corpos das pessoas, dos idosos, das crianças etc., e arranham de forma desigual, pois nem todos participam desse corpo social de forma igualitária. Os corpos vão definir a classe



social, a raça e a participação do corpo no corpo social. Viver é relação, são os corpos que vivem, e esses corpos precisam se relacionar entre si para viver no corpo do mundo. Infelizmente, a grande maioria, dos pobres, dos negros, das mulheres, não têm acesso ao corpo do mundo. Não têm acesso à terra, à água, ao alimento... Por isso não podemos fazer uma teologia do corpo de forma universal, não existe corpo universal, existem corpos concretos, e isto exige na teologia tratar com as materialidades.

E entre as trocas materiais, as formas de estar vivo, está também o sexo. Aliás, todas essas formas de estar vivo entram pelos buracos maravilhosos do nosso corpo. O que conta no nosso corpo não são as partes densas, que são boas também, mas são os orifícios (olhos, nariz, ouvidos, poros, órgão de excreção, órgãos sexuais...). São todos esses orifícios que nos fazem estar vivos, que estabelecem as relações do meu corpo com outro corpo, com o corpo social, com o corpo do mundo. É por essas partes abertas que a vida entra e sai, sai e entra. Essas relações com o corpo social, com o corpo do mundo e com o corpo dos outros tem mediações.

A teologia está aí para complicar, “desexplicar”, criar o estranhamento. A teologia não explica nada, @s teólog@s fazem confusão, polêmica. E viver no corpo social é criar modos de vivência dos buracos sagrados, que vêm de Deus.

Desejos e vontades

Quando falamos de corpo, temos que analisar todas essas formas de comer, de mexer, de respirar, de beber, de dormir etc. Mas o corpo humano não é só essas necessidades, é também desejo e vontade. Na relação do corpo pessoal com o corpo do mundo, há desejo e há vontade. Os animais também têm necessidades, mas eles possuem memória biológica e eles têm como resolver essas questões do corpo com as respostas intuitivas, um repertório de respostas corporais recebidas e fechadas. O ser humano não é só memória biológica; nós também lembramos como nossos pais resolveram essas questões da vida. Mas nós, os seres humanos, temos também memória social, pelo fato de ver e conviver com a família e com os grupos, e ali aprender como resolver os problemas. Porém, nós podemos alterar isso e fazer diferente. A arte, o trabalho etc., são ferramentas que o corpo pessoal tem para interagir e modificar o corpo social e a memória social. O ser humano tem memória social, e pode modificar o que aí está.



Necessidade, desejo e vontade existem para viver, para comer e para fazer sexo. A questão da sexualidade é desejo, necessidade e vontade. É descobrir e decidir como se dá a relação do meu corpo com o outro corpo. No sexo eu deixo que o outro chegue perto de mim definitivamente. Há sexo bom, e há sexo ruim. Há sexo que é obrigação, que é comércio, que é estupro. Assim como há formas sociais de resolver questões de comida, de beber, de sono, que geram indignidade e violência, há também formas de resolver questões de sexo que são complicadas. É dar e receber. O sexo é uma forma de produzir energia e gastar energia, e é uma tarefa do grupo social também, pois influi na população, no grupo social etc. O sexo serve também para resolver questões de reposição populacional, que já pode ser feita de maneira artificial, e é uma questão também para reflexão teológica.

Comida não é só necessidade, mas também vontade e desejo, então é arte. Há maneiras de se vestir, de resolver as questões da casa e de sexualidade também; há maneiras de resolver questões de grupo, mas também é vontade e desejo. E assim como nas resoluções referentes à água e à comida há formas opressivas, também no sexo acontece a mesma coisa: culturalmente as mulheres sofrem mais, com arranjos matrimoniais e sexuais ruins. Isso é perverso para as mulheres e para os homens. Deve haver um acordo de amor, para ter satisfação a ser partilhada: do contrário, no corpo social se pode ter formas diversificadas de escravidão e de opressão.

Deus, quando veio morar definitivamente perto de nós, quis ficar definitivamente perto de nós, por isso, *a Palavra se fez carne*. É extremamente sensual e erótico esse desejo de Deus por nós. Deus, o divino, se fez carne e de forma concreta num menino. O Natal é altamente erótico, a Páscoa é ressurreição da carne, é vida que continua. Os cultos neopentecostais e carismáticos colocam o erotismo na relação com o sagrado nos cânticos, nas orações que levam ao êxtase, mas não o colocam na relação com o corpo social e o corpo do mundo, o resto do mundo não importa. Nossa teologia é uma teologia de corpo, e a teologia da libertação entendeu isso, porém alguns teólog@s se cansaram, pois não é fácil afirmar o totalmente divino no totalmente humano. A teologia da libertação é esta profunda espiritualidade da carne e suas fomes, de dignidade e vida.



A proposta de Jesus

Nos evangelhos há muita comida e há muitos corpos doentes; há muitas andanças; o evangelho transpira essa corporeidade. Só não há sexo nos evangelhos, nem há uma família inteira, nem mesmo José, Maria e Jesus. Há fragmentos de grupos humanos, o que expressa a realidade de opressão de sistemas políticos com suas vítimas: pessoas enlouquecidas, com fome, doentes... E daí surge a proposta de Jesus.

Recuperar as relações é urgente para Jesus, e aí entra a comida. Também a família entra aqui. Contra a família patriarcal tradicional, Jesus vai propor outra família: *minha mãe e meus irmãos são aqueles que fazem a vontade do Pai*. A proposta de Jesus é essa família ampliada, é essa outra subjetividade, onde ninguém vai ficar com fome ou sozinho. No Reino de Deus, Jesus projeta novas subjetividades e novas formas de as pessoas se relacionarem consigo mesmas, com a sociedade e com o corpo do mundo.

O Evangelho de Mateus (Mt 15) dialoga diretamente com o Levítico, que mostra claramente a relação do ser humano com a comida, o sexo e a saúde. Mas a proposta do Levítico é controlar a comida, o sexo e a saúde a partir do altar. Em resposta ao Levítico, Jesus conversa com os corpos pessoais e sociais e propõe uma nova subjetividade e afetividade, contrária à do Antigo Testamento. No Levítico, a comida, o sexo e a saúde passam pelo poder do altar e do sacerdote, que exercerá controle sobre o corpo pessoal e o corpo social. O altar vai ter a função de disciplinar o corpo. O Evangelho vai refletir essas questões corporais e oferecer uma revolução social. Há uma questão cristológica muito forte na questão da comida, do sexo e da saúde. O Evangelho de Jesus recupera a máxima que também está no Levítico (Lv 19,18b), dando-lhe o verdadeiro sentido: *amar o próximo como a si mesmo*.

Endereço da Autora:

Av. 17 de Julho, 555, Casa 3
CEP 22290-200 Volta Redonda, RJ